CHINA - BRASIL

INVENÇÕES QUE MUDARAM O MUNDO

belavista CULTURAL

ARTES E ARTESANATO

Não se pode afirmar qual civilização foi a primeira a produzir objetos de arte, mas é certo que, na China, desde que arqueólogos descobriram objetos de cerâmica datados de 8 mil anos atrás, ela foi sempre contínua. Em grande parte, o sucesso das artes deve-se aos investimentos dos imperadores e reis – peças de cerâmica, tecelagem e pinturas em seda eram produzidas nas oficinas reais.

A descoberta do bronze foi essencial para o florescimento das artes chinesas. Vasos com refinados desenhos representando elementos religiosos foram marcas da dinastia Shang – ainda hoje, muitos deles estão expostos em museus do mundo inteiro. Na dinastia Qin, o bronze dividiu a cena com o jade e a terracota. Foi nessa época que os vasos de cerâmica ficaram mais refinados, atingindo seu apogeu durante a dinastia Ming.

O crescimento do budismo durante a dinastia Han iria influenciar a arte chinesa durante as gerações seguintes com trabalhos que mostravam a crença budista. Nessa dinastia surgiu o papel, que teve participação preponderante na dinastia seguinte, a Tang. Impulsionados pelo crescimento econômico, a pintura, a música e a cerâmica obtiveram, ao longo dos séculos, um consistente desenvolvimento.

A pintura viveu seu maior momento durante a dinastia Song. Alguns dos imperadores do período eram artistas e até estimularam a criação de escolas. Os pintores dessa época criavam imagens panorâmicas da natureza, vale notar, muito antes do surgimento do Impressionismo europeu.

Durante a dinastia Ming foi criada a Academia Real de Pintura, que atraiu principalmente artistas que pintavam apenas pássaros e flores. Porém, o período foi marcado pelo surgimento da porcelana vitrificada, com a peça sendo decorada com cores bem mais vibrantes. A dinastia, inclusive, deu o nome a esse novo tipo de porcelana, pintada de azul e branco, um dos tipos mais valorizados no mundo.

Durante o início do século XX, artistas chineses viajaram para o Ocidente e para o Japão onde tiveram contato com diferentes técnicas e novas escolas. Porém, com a chegada de Mao Tsé-Tung ao poder, as correntes vanguardistas não conseguiram espaço na sociedade chinesa. Esse cenário só iria mudar a partir dos anos 1980, com maior influência do Ocidente, que podem ser representados na produção cinematográfica de Hong Kong, nas esculturas de aço de artistas modernistas e nos arranha-céus erguidos nas principais metrópoles.

PORCELANA E LOUÇAS

Ao deixar as cavernas para se tornar um eficiente agricultor, o homem necessitava, além de um abrigo, de recipientes para armazenar água, sementes e alimentos. Encontrou na argila um material originado a partir da decomposição de rochas feldspáticas, uma matéria-prima ideal que precisava de água para ser moldada e depois submetido a altas temperaturas para ficar rígido. Em algum lugar da Ásia ou da Europa, estava inventada a cerâmica. Produzida desde 10 a 15 mil anos atrás, é o mais antigo material artificial feito pela humanidade.

Se existem dúvidas sobre a "paternidade" da cerâmica, ninguém questiona que uma de suas principais derivações é 100% chinesa: a valiosa e resistente porcelana.

Surgida durante a dinastia Tang, entre os séculos VIII e X, a porcelana é uma pasta obtida pela mistura do caulino, uma argila branca rica e alumínio, e o feldspato. Submetida a temperaturas entre 1.200 ºC e 1.400 ºC, a pasta vitrifica, tornando-se uma peça brilhante, impermeável e muito resistente.

Mas um longo caminho foi percorrido para se chegar perto da perfeição: vestígios arqueológicos descobriram, peças de cerâmica que remontam à dinastia Xia, com algumas características muito próximas da porcelana atual, apresentando brilho e consistência, mas faltando ainda dureza e translucidez. Para

esse tipo de peça foi dado o nome de protoporcelana. O desenvolvimento de fornos eficientes, associado à descoberta de argilas mais finas e resistentes, levou à "fórmula" da porcelana.

Cerâmica comum e porcelana coexistiram ao longo dos anos, com a diferença de materiais e a temperatura dos fornos – na cerâmica comum, a queima é realizada de 800 ºC a 1.000 ºC, o que garante uma peça menos porosa e não resistente à água. Além disso, antes da queima, a porcelana recebe uma camada de esmalte envernizado.

Durante a dinastia Song (960-1279) apareceram várias escolas e oficinas em todo o território. Com cada vez mais gente envolvida no processo, surgiram diferentes estilos. Até então, era comum o predomínio da cor branca no norte e verde no sul. Chamados de "cinco grandes", os fornos dos tipos Ding, Jun, Ge, Ru e Guan disseminavam pelo país. Nessa época, a porcelana começava a ser exportada, por via marítima, para o Oriente Médio e Europa. Os primeiros grandes entusiastas do produto chinês foram os turcos-otomanos, tanto que a coleção de porcelana chinesa exposta no Palácio de Topkapi, em Istambul, é formada por 1.300 peças.

O memorável desenho de flores e pássaros azuis em um fundo branco surgiu timidamente durante a dinastia Tang, cresceu na dinastia Song e chegou ao apogeu na dinastia Yuan (1279-1368), adquirindo grande refinamento nos traços e desenhos. Para suprir a demanda cada vez mais alta, foi necessário usar o cobalto proveniente da Pérsia, para dar a coloração azul às louças. Dissolvido em água ou misturado com óxido de manganês, o cobalto era bastante resistente às altas temperaturas da queima.

A dinastia Ming (1368-1644) é tão importante que virou o nome da porcelana e suas louças atingem valores altíssimos no mercado. A produção da porcelana cresceu em todo o país e Jingdezhen, na província de Jiangxi, tornou-se a capital da porcelana. Estima-se que mais de 100 mil artistas e artesãos estavam envolvidos com a produção das louças e recebiam apoio da corte imperial.

Supervisionada pelos próprios imperadores, a porcelana na dinastia Qing (1644-1912) continuava a apresentar desenhos de flores e pássaros, acrescentando figuras humanas, personagens do Romantismo e imagens de ópera clássicas.

Por muitos séculos, a fórmula da porcelana foi uma exclusividade chinesa. Marco Polo a levou para a Itália, os navegadores lusos a levaram para Portugal, mas ninguém conseguiu reproduzir com o mesmo sucesso. O segredo só veio à tona quando o padre jesuíta francês François Xavier d'Entrecolles, em visita a Jingdezhen, em 1698, acompanhou e conseguiu descrever o processo de produção. Em 1711, o alquimista alemão Johan Friedrich Böttger também chegou à mistura de caulino. A partir daí a produção cresceu na Europa, especialmente na Inglaterra e em Portugal, ambos os países alcançando uma produção de excelência. No Brasil, desde 1959, a Porcelana Monte Sião, em Minas Gerais, fabrica louças muito apreciadas pelos brasileiros.

CALIGRAFIA E PINTURA

Tinta, pedra, pincel e papel: também chamados de "quatro tesouros", esses são os elementos básicos para a prática de duas nobres expressões artísticas chinesas – a pintura e a caligrafia.

A escrita chinesa teria surgido na dinastia Xia com os logogramas – caracteres que são representações gráficas de objetos ou conceitos abstratos. Porém, foi na dinastia Shang que ela teve destaque na forma de registros em ossos de animais usados para adivinhações.

Apesar de presente nas grandes civilizações da antiguidade e em línguas latinas, é na China que a caligrafia alcança o *status* de obra de arte, ficando no mesmo patamar da pintura e da literatura.

A caligrafia chinesa tem cinco estilos distintos criados ao longo dos tempos com diferentes finalidades. Na dinastia Qin, surgiu a Zhuanshu (ou escrita de selo), com linhas firmes, uniformes e fortes que cabem dentro de um quadrado imaginário. Por causa de seu requinte e dificuldade, foi necessária criar traços mais rápidos. Então, na dinastia Han, surgem o estilo Lishu (escrita oficial), que é quadrado e mais formal, usado em documentos oficiais e o Kaishu, também formal, com traços suaves e mais amplos e que viria ser a escrita normal, a mais utilizada pelos calígrafos no cotidiano.

Variação do Kaishu, o Xingshu tem um traço mais informal e fácil de ser representado. Também chamado de escrita corrente, foi criado entre as dinastias Han e Wei e se popularizou rapidamente. Por fim, o estilo Caoshu, ou cursivo, tem estrutura simplificada com traços conjuntos e linhas escritas com rapidez.

Enquanto a caligrafia foi perdendo importância ou sequer foi desenvolvida pelo mundo afora, na China ela tem muito prestígio até hoje, fazendo parte da grade curricular das escolas, por estimularem a disciplina e a paciência. Segundo a tradição, a prática da caligrafia proporciona benefícios físicos e mentais.

Em paralelo à caligrafia, também se desenvolveu a pintura. Feitas com tinta preta ou pigmentos coloridos desenhados em seda e, posteriormente, papel, é considerada a mais alta forma de expressão da arte tradicional. As primeiras pinturas de que se tem registro eram apenas representacionais, sem desenho. Apenas na dinastia Zhou aparecem representações do mundo ao redor. Entre as dinastias Han e Tang, os artistas desenhavam basicamente figuras humanas ou os ensinamentos de Confúcio. Na dinastia Tang, os artistas também passam a pintar membros da corte real em cores vibrantes. Nesse período começam a surgir desenhos de paisagem, sem necessariamente ser um desenho da natureza, mas tentando captar apenas sua essência.

O apogeu da pintura chinesa seria registrado nas dinastias Song e Yuan, quando os desenhos de paisagem, fundamentados pelo taoismo, ganharam contornos impressionistas, com cenários estilizados de montanhas, pássaros e flores. Os artistas pintavam cenas realistas em primeiro plano e o fundo em branco representava o vasto espaço. Picos montanhosos surgem com neblinas ao fundo, enquanto o rio corre no primeiro plano. Esse período ficou conhecido como "pinturas dos literatos", com a função de provocar o encantamento do espectador.

Durante a dinastia Ming, as telas passaram a retratar assuntos mais simples com uma gama maior de cores, como um ramo de flores ou um ou dois animais em cena. Mais conectados com o Ocidente, os artistas da dinastia Qing romperam com a tradicional pintura chinesa, expressando-se por meio de pinceladas soltas.

Para que caligrafia e pintura se desenvolvessem por séculos, não só na China, como em todo planeta, os chineses foram responsáveis por dois inventos fundamentais. O pincel de bambu surgiu em 215 a.C. pelas mãos de Meng Tian, que usou seu invento com cerdas de pelo de animais para desenhar em longos trechos de seda com uma tinta nanquim, outra criação chinesa.

SEDA E SERICULTURA

Quem diria que um minúsculo inseto seria uma das maiores forças econômicas da China a ponto de dar nome à principal rota comercial entre o Extremo Oriente e Ásia Central, Oriente Médio e Europa?

Segundo a lenda, a descoberta do fio de seda teria sido feita por Leizu (3 mil a.C.), uma das esposas do Imperador Amarelo, que teria percebido que um casulo havia caído dentro de seu chá, saindo dele um longo fio facilmente dobrável.

Fato é que a sericultura teve início no século 5 a.C., tornando-se mais um dos inventos que permaneceu por séculos restrita ao solo chinês, onde a produção dependia basicamente de dois elementos: bicho-da-seda e as folhas de amoreira, seu principal alimento. Mas, para obter eficácia produtiva, foi preciso domesticar o inseto através de vários cruzamentos. Vivendo em ambientes controlados, sem doenças ou predadores, e se alimentando em intervalos de 30 minutos, a lagarta engordava e entrava no estágio de casulo. As glândulas segregavam um líquido claro que, ao secar, se transformava em longos fios.

No primeiro século de produção da seda, os tecidos e as vestimentas eram exclusivas dos imperadores e dos seus familiares ou, no máximo, como presentes para pessoas muito valorizadas. A seda também foi usada por vários imperadores para presentear líderes de tribos mongóis hostis e virou até mesmo moeda de troca para se obter escravos.

Na dinastia Han, os camponeses se dedicavam com afinco à sericultura. Enquanto os homens cuidavam das atividades de campo e da colheita das folhas de amoreira, as mulheres fiavam por horas dentro das residências. Apesar do intenso trabalho, as roupas de seda eram quase que de exclusivo uso do império, restando outros tecidos para a população.

Foi nessa época que a China passou a exportar seda, criando rotas de comércio que chegavam ao continente europeu. O ponto de partida era a cidade de Xi'an, atravessando o deserto de Gobi, em Xinjiang. O mundo era oficialmente apresentado à seda e os romanos chamavam os chineses de *serice* (terra da seda) – eles acreditavam que o tecido era proveniente de uma árvore.

O segredo da produção do tecido da seda, que envolvia até pena de morte para quem o divulgasse, fez a técnica se desenvolver e a seda ficar cada vez mais valiosa. Porém, ele foi descoberto no século III por japoneses que visitaram o país. Quatro séculos mais tarde, monges persas levaram casulos de bicho-da-seda e folhas de amoreira para Constantinopla e a produção começou também em solo europeu.

Hoje, a China ainda é a maior produtora e a que tem a seda de melhor qualidade no mundo. O Brasil ocupa a quarta posição no *ranking* de produtores e fora do continente asiático é o país que mais produz.

ARQUITETURA TRADICIONAL

Elementos confucionistas, taoistas e budistas marcam presença na arquitetura tradicional chinesa, que permaneceu imutável por mais de dois mil anos, obedecendo aos preceitos de horizontalidade, simetria bilateral e o feng shui para eliminar as energias negativas.

A imagem clássica da arquitetura das antigas construções chinesas mostra uma larga plataforma horizontal, com telhados curvos e maiores que a base, sustentado por vigas de madeira e paredes não estruturais, deixando a impressão de que o telhado flutua sobre a base. Assim, a largura era bem mais valorizada que a altura.

Desde os palácios suntuosos até as residências mais humildes, respeitava-se sempre a simetria bilateral, com um número par de colunas, ímpar de vãos e uma porta principal, indicando a procura por harmonização e equilíbrio. Em formação linear, os salões seguiam para o norte. Em contrapartida, seguindo os princípios do feng shui, os jardins com um lago ou um corpo de água, localizados nos pátios das residências, são assimétricos, para assim se criar um fluxo duradouro de energia entre a construção e a natureza. Esse jardim é chamado de poço do céu, pois a água simboliza positividade. Outra influência do feng shui é a presença de talismãs ou imagens divinas nas portas, para afastar o mal e atrair prosperidade.

Haviam, basicamente, três construções principais na arquitetura tradicional chinesa. A população comum morava em prédios de, no máximo, três andares. As residências tinham um santuário na parte central e os quartos nas extremidades.

Apenas os pagodes, que são torres com múltiplas beiradas construídas geralmente para atividades religiosas, sobretudo budistas, podiam ter maior número de pavimentos. O pagode é, portanto, uma construção de vários andares, cuja base é uma câmara subterrânea. Começou a ser implementado na China no século I com o advento do budismo, pois é uma edificação religiosa, com um grande salão central com estátuas budistas, enquanto os monges moravam nas laterais da construção.

Símbolo da arquitetura imperial, os palácios eram quase uma mini cidade e as únicas construções que podiam usar telhas amarelas (a cor do poder imperial) e decorados com o dragão chinês. O complexo de um palácio abrangia ainda construções individuais, em que os principais edifícios ficavam sobre o eixo norte-sul do complexo, sendo ladeado pelos edifícios secundários. A sala de trabalho do imperador ficava na parte frontal, enquanto os aposentos reais e os jardins ocupavam a parte superior.

Poucas edificações da arquitetura tradicional chinesa permaneceram na atualidade em razão do maciço uso de madeira, em detrimento de materiais mais resistentes. Fogo e acidentes naturais consumiram muitas construções emblemáticas.

Os principais prédios que ainda restaram – não necessariamente moradias – e que podem ser visitadas integram o conjunto da Grande Muralha; a Cidade Imperial e o Templo do Céu, em Pequim; o Pagode Liuhe, em Hangzhou, e o Pagode do Grande Ganso Selvagem, em Xi'an.

ÓPERA DE PEQUIM

O teatro chinês surgiu há 3 mil anos, no início da dinastia Shang, tendo como ponto de partida apresentações xamânicas de dança e canto para pedir chuva aos deuses. Durante a dinastia Zhou aparecem os primeiros teatros musicais e, na dinastia Tang, cria-se a primeira ópera, chamada poeticamente de Jardim das Peras.

Ao longo do tempo, o teatro chinês se desenvolveu com substanciais diferenças em relação ao encenado no Ocidente. Praticamente não existe cenário; com isso, a peça é completamente focada na interpreta-

ção do ator e por meio de metonímias representadas pelos instrumentos auxiliares, por exemplo, uma bandeira que representa uma tropa, um remo representando um barco etc.

Entre os séculos XVI e XVIII, a elitizada Ópera Kunqu dominou a cena teatral chinesa, narrando os fatos palacianos dos Ming e cenas mais comuns cotidianas.

Em 1750, entusiasta da arte teatral, o imperador Qianlong convida trupes da província de Anhui para participarem da celebração de seus 80 anos. Os artistas de Anhui já incluíam mímica, dança, poesia, acrobacia e artes marciais em suas peças. As apresentações foram então um grande sucesso e os artistas foram convidados a permanecer na capital da China. Nascia assim a Ópera de Pequim, que viria a ser a maior expressão dramatúrgica do teatro chinês.

Diferentemente dos outros tipos, a Ópera de Pequim logo caiu no gosto popular por ter uma linguagem acessível, que agradava também o cidadão comum. Mais do que o enredo, o que seduzia as pessoas eram as *performances* dos atores, que passavam horas dançando, lutando e fazendo acrobacias para manter a atenção da plateia.

A Ópera de Pequim aborda dramas históricos do Império, ressaltando a lealdade dos heróis na sociedade confuciana e situações cotidianas dos mandarins. A trama até se altera, mas basicamente há apenas quatro personagens, facilmente identificados pelo figurino e pela pesada maquiagem. Desde a sua formação inicial, os atores começam a ser treinados para interpretar apenas um personagem.

Sheng sãos os personagens masculinos, sempre fortes e respeitáveis. Podem representar figuras imperiais ou mesmo respeitados chefes de família. A segunda personagem é a dan, que representa donzelas, princesas e guerreiras. O personagem mais complexo é o jing, que está sempre de cara pintada e representam deuses, ou heróis ou ainda seres mitológicos. A quarta classe é o chou, que são os cômicos palhaços com a maquiagem apenas em volta dos olhos e do nariz. Há quem defenda que seriam cinco personagens, sendo o papel de auxiliar também importante para completar o enredo.

Mesmo com personagens femininos, até o século XX, apenas homens atuavam na Ópera de Pequim. Mei Lanfang (1894-1961) foi o ator mais famoso e interpretava muito bem os papéis femininos. Foi ele quem levou a Ópera de Pequim a se apresentar pelo mundo afora, em espetáculos no Japão, nos Estados Unidos, na Europa e na União Soviética. A internacionalização a faz perder um pouco de sua característica original, incorporando outros elementos mais contemporâneos.

Em 2010, a Unesco concedeu à Ópera de Pequim o título de Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade.

Máscara da Ópera de Pequim

INFLUÊNCIAS DO SÉCULO XX

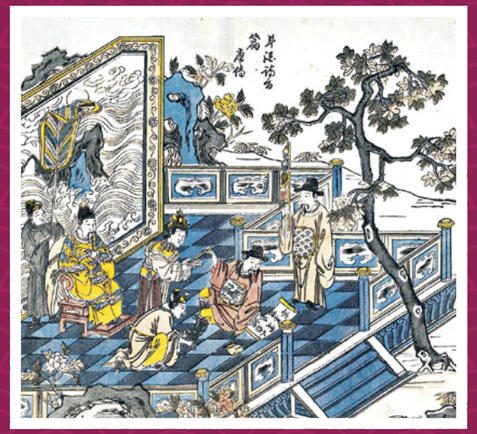
Praticamente em todos os gêneros, o século XX deu uma guinada exponencial nas artes chinesas. Após a proclamação da República, em 1911, artistas foram enviados ao Japão e aos países ocidentais para estudar os principais estilos artísticos e se aperfeiçoarem nessas técnicas. O movimento arrefeceu entre a fundação da República Popular da China, em 1949 e o fim da Revolução Cultural, em 1976, quando toda manifestação artística deveria estar a serviço do povo e dessa revolução.

A abertura econômica, a partir de 1978, novamente possibilitou o intercâmbio dos artistas com o exterior, agora com melhores condições de desenvolvimento individual e coletivo. Os resultados não tardaram a aparecer: a Bienal de Veneza, de 1993, contou com a presença de apenas 13 artistas chineses. Na edição de 1999, esse número já era de 25% dos expositores.

Com a demanda em alta, novos espaços para a produção artística precisaram ser criados. Em 1995, a Academia Central de Belas Artes de Pequim buscava um lugar para promover oficinas e armazenar as obras de grande porte. Encontrou em um desativado complexo de fábricas da década de 1950 um local ideal. Localizado em Chaoyang, um distrito periférico de Pequim, os galpões do complexo abandonado foram tomados por artistas modernistas locais e o espaço se tornou a Fábrica 798 ou 798 Art Zone, um polo repleto de galerias descoladas, lojas, empresas de *design*, restaurantes e cafés. Recebeu esse nome justamente porque a primeira fábrica a ser renovada foi a 798. Apesar do foco em arte contemporânea, há também espaço e abertura para exposições de artistas estrangeiros. As coloridas construções nos remetem ao SoHo nova-iorquino, bairro descolado que movimenta a cena artística norte-americana.

Parede grafitada na 798 Art Zone

O Imperador Minghuang observa Li Bai escrevendo



O poeta Li Bai

POESIA E LITERATURA NA CHINA

Apesar de não ser uma invenção chinesa, a tradição literária na China remonta a mais de 3.000 anos e serviu como base para diversos outros países da região. A poesia, surgida no século XI a.C., foi o gênero que primeiro ganhou projeção. O *Livro das odes* é um compêndio atribuído a Confúcio, com 305 poemas escritos até o século VI a.C. No exame para se tornar um mandarim da corte era requisito primordial conhecer poesia e escrever esses versos. A celebração da amizade, fatos históricos ou homenagens à natureza eram temas recorrentes da poesia chinesa.

A época de ouro da poesia aconteceu na dinastia Tang, período em que mais de 2 mil autores escreveram cerca de 50 mil poemas. Dois nomes, ligados a diferentes correntes filosóficas, são considerados os grandes poetas chineses. O taoista Li Bai (701-762 a.C.), que usou a poesia para falar de amizade, amor, solidão e a busca de elevação espiritual. A lua e o vinho são dois elementos frequentes em sua escrita. Em uma das versões que falam de sua morte, Li Bai teria se afogado ao cair de um barco enquanto tentava abraçar o reflexo da lua sobre o Rio Yang-Tsé.

Adepto do confucionismo, Du Fu (712-770) versava sobre a moralidade, os destinos do Império e o bem-estar das pessoas. O caráter realista dos versos desse poeta lhe rendeu os títulos de "Poeta Sábio" e "Poeta Histórico". Curiosidade: Du Fu dedicou a Li Bai 12 dos seus 1.400 poemas.

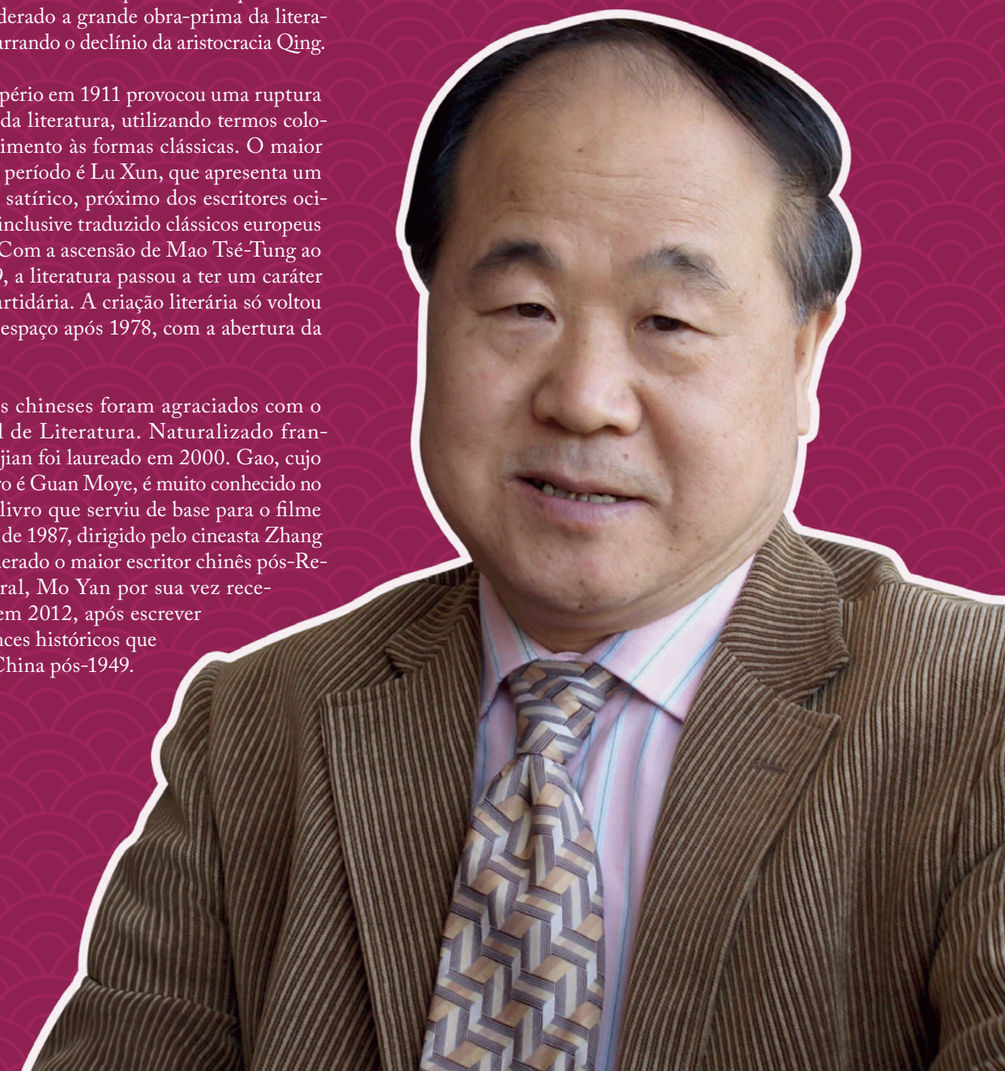
Em comparação à poesia, a prosa demorou bastante para aparecer. Na dinastia Han, surgiram os relatos históricos, a partir dos textos de Sima Qian, considerado o primeiro grande historiador chinês e responsável por várias descrições da história do país até aquele momento. Os romances épicos surgem apenas na dinastia Ming. A demora nesse estilo residia em parte no fato de que o chinês considerasse a ficção e o drama gêneros intelectualmente menores. Fato é que, após o início da produção de textos ficcionais, o estilo foi sempre mantido.

Das dinastias Ming e Qing surgiram os "quatro clássicos da literatura chinesa", que ainda fazem parte da base curricular dos estudantes chineses. São eles: *Romance dos três reinos*, escrito por Luo Guanzhong, no período entre 1321 e 1323; *Margem da água*, de Shi Naian, escrito no século 14; *A viagem para o Oeste*, de autoria de Wu Cheng'en, em 1570; e *O sonho da mansão vermelha*, escrito em 1791 por Cao Xuequin. Esse último é considerado a grande obra-prima da literatura chinesa, narrando o declínio da aristocracia Qing.

A queda do Império em 1911 provocou uma ruptura na linguagem da literatura, utilizando termos coloquiais em detrimento às formas clássicas. O maior expoente desse período é Lu Xun, que apresenta um estilo realista, satírico, próximo dos escritores ocidentais, tendo inclusive traduzido clássicos europeus para o chinês. Com a ascensão de Mao Tsé-Tung ao poder em 1949, a literatura passou a ter um caráter de ideologia partidária. A criação literária só voltou a ter o mesmo espaço após 1978, com a abertura da economia.

Dois escritores chineses foram agraciados com o Prêmio Nobel de Literatura. Naturalizado francês, Gao Xingjian foi laureado em 2000. Gao, cujo nome verdadeiro é Guan Moye, é muito conhecido no Ocidente pelo livro que serviu de base para o filme *Sorgo vermelho*, de 1987, dirigido pelo cineasta Zhang Yimou. Considerado o maior escritor chinês pós-Revolução Cultural, Mo Yan por sua vez recebeu o prêmio em 2012, após escrever diversos romances históricos que se passam na China pós-1949.

Escritor Mo Yan



Adquira seu exemplar
e saiba mais em

belavistacultural.com.br/loja